

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
CAMPUS - MORRINHOS**

CLEAINE PIRES DOS SANTOS

A RELAÇÃO ENTRE A ALFABETIZAÇÃO E O FRACASSO ESCOLAR

**MORRINHOS
2019**

CLEAINE PIRES DOS SANTOS

A RELAÇÃO ENTRE A ALFABETIZAÇÃO E O FRACASSO ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano Campus Morrinhos como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Sangelita M. Franco Mariano

MORRINHOS
2019

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

Sr

Santos, Cleaine Pires dos Santos

A relação entre a alfabetização e o fracasso
escolar / Cleaine Pires dos Santos Santos

;orientadora Sangelita Miranda Franco Mariano . --
Morrinhos, 2019.

53 p.

1. Fracasso escolar. 2. Educação . 3. Formação
docente . I. Miranda Franco Mariano , Sangelita ,
orient. II. Título.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- Tese Artigo Científico
 Dissertação Capítulo de Livro
 Monografia - Especialização Livro
 TCC - Graduação Trabalho Apresentado em Evento
 Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____

Nome Completo do Autor: Cleaine Pires dos Santos
Matrícula: 2014104221310062
Título do Trabalho: A relação entre o fracasso escolar e a alfabetização

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: ___/___/___

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não
O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não


DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

 _____ Local: ___/___/___
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

 _____
Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
CAMPUS MORRINHOS
Curso de Pedagogia
Coordenação de Trabalho de Curso

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CURSO
- TC

No dia 14 de março de 2019, às 09:00 horas, nas dependências do Instituto Federal Goiano, Campus Morrinhos, ocorreu a banca de defesa do trabalho de curso (TC) intitulado: *A relação entre a alfabetização e o fracasso escolar*, da aluna Cleaine Pires dos Santos, sob a orientação da professora: Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano do Curso Superior de Pedagogia. A banca de avaliação foi composta pelos professores: Prof.^a Esp. Layla Aparecida Rodrigues Felisberto e Prof.^a Esp. Renato Silva Vasconcelos.

A média obtida foi 8,0 (Oito Pontos)

sendo considerado o(a) aluno(a) aprovado sem ressalvas.

aprovado com
ressalvas.

não foi
aprovado.

não compareceu

Morrinhos, 14 de março de 2019.

Profa. Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano

Prof. Esp. Layla Aparecida Rodrigues Felisberto

Prof. Esp. Renato Silva Vasconcelos

A REALAÇÃO ENTRE A ALFABETIZAÇÃO E O FRACASSO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado para obtenção de grau de
licenciada em Pedagogia, no Instituto
Federal Goiano – Campus Morrinhos pela
banca examinadora formada por:

Morrinhos, 14 de março de 2019.



Prof. Esp. Renato Silva Vasconcelos

Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos



Prof. Esp. Layla Aparecida Rodrigues Felisberti

Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos



Profa. Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano

Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me oportunizar viver esta experiência única em minha vida.

Dedico este trabalho aos meus familiares que me apoiaram e me incentivaram a não desistir, acreditando que este dia chegaria. Em especial ao meu esposo Moisés Neves, A minha mãe Veronice, irmãs e pai.

Reconheço a importância de ter como minha orientadora a professora Doutora Sangelita Franco Mariano, que não poupou esforços durante a construção deste trabalho, me orientando e contribuindo de forma significativa em minha vida profissional.

A esta instituição de ensino, pelo compromisso social e ético com os que ali confiam sua formação. Que de forma significativa corroborou com todo o seu quadro de profissionais bem qualificados para que tivesse uma formação acadêmica de excelência.

Agradeço aos demais professores que fizeram parte deste longo percurso acadêmico proporcionando trocas recíprocas de conhecimento.

Guardarei as amizades que constitui neste espaço, que por inúmeras vezes foi um apoio fundamental em momentos de dificuldades. Quero destacar em especial a Laura, Luciene Xavier e Eliana Borges. Agradeço a todos que me ajudaram no decorrer deste caminho.

RESUMO

Este trabalho tem como temática a situação do fracasso escolar no contexto da alfabetização. A luta para combater o fracasso escolar tem sido um desafio diário para as escolas brasileiras. O problema tem sido alvo de muitas pesquisas por diferentes áreas do conhecimento e, nesse sentido vem sendo considerado um fenômeno por pesquisadores e especialistas dessas diferentes áreas. Em consequência disso, as estatísticas têm revelado ainda hoje, século XXI altos índices de analfabetismo. Destacamos como objetivo da pesquisa identificar em que medida os problemas relacionados ao mal desempenho dos estudantes no processo de alfabetização se configuram como elemento fundante do fracasso escolar. A metodologia utilizada pauta-se na pesquisa bibliográfica, a partir de pesquisadores de tal temática, com vistas a compreender as causas que levam ao fracasso escolar, a forma como a escola se organiza e a formação docente como questões relevantes a serem refletidas, no sentido de refletir sobre tal problema considerado histórico e atual ao mesmo tempo. Na progressão da pesquisa foi possível observar que as dificuldades de aprendizagem que os alunos apresentam, especialmente nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental, pode sim ser resultado de uma série de fatores. Desse modo, consideramos que para a superação desse problema é fundamental que a avaliação seja correta e adequada para cada situação, para cada fator que possa estar comprometendo o desempenho da criança nas situações de aprendizagem. Apesar dos percalços que a escola tem enfrentado, em especial, as situações reais de fracasso escolar, existem propostas e caminhos de possibilidades de ações que se colocadas em prática pode efetivamente contribuir para sanar com muitas das dificuldades presentes hoje na sala de aula.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Educação. Formação docente.

ABSTRACT

This research has as thematic the situation of the school failure in the context of literacy. The fight to combat the school failure has been a daily challenge to the Brazilian schools. The problem has been the subject of many researches in different areas of knowledge and, in this way, has been considered a phenomenon by researchers and specialists in different areas. As a result of this, the statistics has revealed nowadays, XXI century, high levels of illiteracy. We highlight as objective of the research identify in what level the problems related to student's bad performance in the process of literacy are configured as founding element of school failure. The methodology used is based on bibliography research, from researches of this subject, in view of understand the causes that lead to school failure, the organization of schools and the teacher training as relevant questions to be reflected, meaning a reflection about this problem considered historical and current at the same time. In the progression of the research was possible to observe that the difficulties of learning presented by students, especially in the first cycles of Elementary School, can be the result of many factors. In this way, we consider that is fundamental, to the overcoming of this problem, that the evaluation be correct and proper to each situation and each factor that may be compromising the children's performance in learning situations. Although the mishaps that school has framed, in special, the real situations of school failure, there are proposals and ways of possibilities of action that, if put into practice, can contribute effectively to resolve many present difficulties in the classroom.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR	15
3 ALFABETIZAÇÃO, INTERAÇÃO E AVALIAÇÃO	26
3.1 O fracasso escolar presente no processo de alfabetização	26
3.2 A importância da interação no processo educativo	31
3.3 Como avaliar diante o fracasso escolar	33
4 A FORMAÇÃO DOCENTE DIANTE DOS DESAFIOS DO FRACASSO ESCOLAR	39
4.1 Os desafios diários da profissão docente	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

O objeto de pesquisa desse trabalho é fruto de uma inquietação que foi crescendo no decorrer da minha graduação em Pedagogia. Esta me motivou a buscar compreender dentro desse universo o que realmente pode estar comprometendo a aprendizagem dos alunos, bem como a evasão escolar e os fatores que se encaminham para o analfabetismo e a marginalização dos estudantes, elementos estes presentes. Nas instituições educativas.

As discussões sobre o fracasso escolar é antiga e cada vez mais indispensável para se pensar a escola atual, no entanto é possível perceber que, muito se discute e pouco se resolve. De fato é um problema que tem se tornado crônico nas escolas públicas brasileiras, segundo revela as estatísticas, esse problema pode ser compreendido como espaço-tempo de fracasso escolar.

O desenvolvimento da pesquisa teve como suporte de investigação a perspectiva qualitativa e diferentes fontes bibliográficas que abordam o tema em questão, ou seja, a pesquisa bibliográfica, a qual colabora para a sondagem teórica das informações, análise de textos e artigos de revistas especializadas o que contribuiu para a elaboração e o desdobramento do trabalho.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa é definida por como

[...] recorte epistemológico que denominamos epistemologia qualitativa, representa um processo de segmento de hipóteses que vão se elaborando e se desenvolvendo de maneira contínua pelo modelo teórico em construção que acompanha os diferentes momentos de produção de informação dentro do campo da pesquisa, os quais incorporam a expressão contraditória e diversa que os sujeitos estudados produzem durante a pesquisa. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 49,)

A realização da investigação a partir da pesquisa qualitativa decorre da importância do seu caráter construtivo-interpretativo com elementos metodológicos reflexivos que nos viabilizam condições para dialogar com a realidade complexa e articular a dimensão prática e teórica desse estudo.

[...] na Epistemologia Qualitativa afirma-se que o real está em um processo de constante tensão com a produção teórica, a qual avança em um processo de contato não-linear com o real, mas sem ser independente dele; essas distintas concepções de

gênese mostram como a complexidade do real desafia o pensamento humano, o qual, por diferentes vias, tenta construí-la e acompanhá-la (MARTINEZ, 2005, p. 13).

Podemos inferir que a pesquisa qualitativa pressupõe uma integração do pesquisador aos espaços pesquisados, processo que fundamenta a criação de um cenário para a pesquisa e que interfere no posicionamento e na expressão dos participantes da investigação. Para tanto, o diálogo se transforma em ferramenta central, em função da qual se organiza a investigação (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 47).

O percurso metodológico por meio da pesquisa bibliográfica partiu de pesquisas já elaboradas, por estudiosos da temática em questão. Esse material é constituído sobretudo de livros, publicações periódicas e artigos científicos. A pesquisa bibliográfica consiste em possibilitar ao investigador consulta à uma variedade de pesquisas que possam ampliar seu conhecimento. Neste sentido, (GIL, 2002) apregoa que:

[...] convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-as cuidadosamente. (GIL, 2002, p.45).

Julgamos que a pesquisa bibliográfica é muito importante para coletarmos dados que possam ser coerentes seja pra qual for a pesquisa que estamos desenvolvendo. Desse modo, as fontes consultadas, podem ser tratadas como fontes bibliográficas, pois neste sentido, é possível avaliar a pesquisa bibliográfica como uma forma de pesquisa de utiliza material impresso para fins de leitura. (GIL, 2002).

Com o intuito de atender ao que foi proposto para a investigação foram levantadas algumas questões importantes para começarmos a pensar nessa problemática: Porque os alunos não aprendem? Seria uma falha no sistema educacional? Problemas nas metodologias empregadas em sala de aula? Será que a relação das dificuldades estaria centrada na motivação dos alunos? Interferência do ambiente familiar? Ou seria a própria formação do professor? São

questionamentos que nortearam nossas reflexões acerca dessa temática, e de fato, fica evidente que respondê-las se torna um desafio imenso, mas o que podemos fazer é estarmos continuamente motivados a buscar nas literaturas e na experiência alguma explicação, na tentativa de pelo menos minimizar tantos problemas presente nesse processo.

Esses questionamentos nos impeliram a descrever nosso objetivo geral da pesquisa, qual seja: identificar em que medida os problemas relacionados ao mal desempenho dos estudantes no processo de alfabetização se configuram como elemento fundante do fracasso escolar. Decorrentes desse destacamos como objetivos: 1) abordar o conceito de alfabetização e sua relação com o fracasso escolar; 2) identificar a perspectiva de avaliação, interação e avaliação no processo educativo, especialmente na alfabetização; 3) analisar a relação entre o fracasso escolar e a formação dos professores.

Considera-se importante pensar a necessidade de dotar os futuros professores de uma bagagem, de tal modo que possam apropriar-se da tarefa educativa em toda a sua complexidade. A concepção que se tem hoje é que a escola é “fraca”, que o professor não é valorizado, que os alunos vivem em condições sócio-afetivas precárias, isso tudo nós já sabemos. Apesar disso, a urgência é para que haja uma união em prol de melhoria do ensino desses.

A pretensão desse trabalho é conduzir o leitor à reflexão de alguns fatores que possam levar os alunos ao fracasso escolar, um problema antigo, no entanto, muito presente ainda nas escolas. A pesquisa nesse campo se torna cada vez mais importante para se pensar a escola e seu papel, diante os desafios a serem enfrentados e a sociedade que queremos. Quais os objetivos que queremos alcançar com nossas crianças e jovens?

Pensar o espaço escolar em um ambiente que contribua para uma prática pedagógica, a qual o educando seja protagonista no processo de ensino-aprendizagem. Pensar a prática que conduza os educandos para a busca de novos conhecimentos, novas experiências, permeados pela pesquisa e situações desafiadoras que os levem para uma aprendizagem significativa.

Este trabalho foi dividido em cinco seções que abordaram pontos relevantes sobre o fracasso escolar.

A primeira seção trata-se da parte introdutória, em que apresentamos a motivação e a justificativa para a investigação, bem como os objetivos, a metodologia e a organização da Monografia.

A segunda seção concentra-se nas abordagens teóricas de Patto (1999) e Soares (2013), bem como alguns resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) apresentada em 2016. Com efeito, as autoras trazem um panorama de como o fracasso escolar tem sido conduzida nas escolas brasileiras historicamente.

A terceira seção tem como objetivo a reflexão sobre algumas questões que consideramos relevantes para pensar a teoria e a prática no campo da educação, portanto, chamamos a atenção para pensar como a escola tem exercido seu papel no processo de alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental, que importância tem a mediação do professor diante às interações na sala de aula, como também quais os critérios adotados pelos professores no momento da avaliação. Em uma visão longitudinal, acreditamos ser de fundamental importância que o professor tenha um bom conhecimento das fases de desenvolvimento intelectual das crianças, de maneira a poder articular aprendizagem e o desenvolvimento progressivo.

Na quarta seção o destaque está na formação docente. A formação de professores, em todos os níveis, tem sido tema de discussão entre pesquisadores no campo educacional e, em especial os pedagogos, que iniciam na Educação Básica o processo de ensino-aprendizagem, em especial a alfabetização nas diferentes áreas de conhecimento em seu aspecto formal e sistematizado.

Por fim, na última seção apresentaremos as principais conclusões acerca da temática tratada tendo como pressupostos de análise o problema de pesquisa e os objetivos delineados para a pesquisa.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

Nessa seção abordaremos a questão do fracasso escolar em seus diversos pilares de ensino destacando profissionais envolvidos que por meio de suas construções teóricas se aproximam desta realidade. Abordando o conceito de alfabetização e sua relação com o fracasso escolar.

Identificando a perspectiva de avaliação, interação e avaliação no processo educativo, especialmente na alfabetização. Será aprofundado a relação entre o fracasso escolar e a formação dos professores.

A busca pelo entendimento e compreensão do fracasso escolar é dada por diversos profissionais que geralmente estão envolvidos nos processos acerca do desenvolvimento cognitivo dos estudantes, isso mostra que, além de professores e pesquisadores no campo educacional, temos profissionais de áreas distintas como, por exemplo, da Assistência Social e Psicologia discutindo, todos esses criando teorias que expliquem tal fenômeno.

Atualmente esse fracasso é considerado um fenômeno social, o que nos leva a refletir sobre questões relevantes como fatores que influenciam no sucesso e insucesso na aprendizagem escolar. Tal assunto nos leva a pensar uma educação que está se distanciando, cada vez mais, de objetivos fundamentais que as escolas deveriam zelar que é a construção da autonomia dos alunos e o desenvolvimento integral desses estudantes, preparando-os para a vida, de modo que, é possível pensar que muitas dessas instituições não estão preparadas para novos caminhos, marginalizando cada vez mais as classes menos favorecidas economicamente, que dependem da escola pública.

A história da educação no Brasil e os entraves enfrentados desde o estabelecimento das primeiras instituições de ensino em nosso país levam-nos a crer que muitas das dificuldades que são enfrentadas hoje, são reflexos do passado. Passado esse que foi e ainda é marcado por muitas mudanças.

Segundo Patto (1999), a concepção que se tem hoje em relação às dificuldades de aprendizagem escolar “dificuldades que, todos sabemos, se manifestam predominantemente entre crianças provenientes dos segmentos mais empobrecidos da população, tem uma história.” (PATTO, 1999, p.27). A autora ainda afirma que

A partir dos resultados de centenas de pesquisas, em sua maioria fiel ao modelo experimental, sobre as características físicas, sensoriais, perceptivo-motoras, cognitivas, intelectuais e emocionais de crianças pertencentes a diferentes classes sociais, esta “teoria” afirmou, em sua primeira formulação, que a pobreza ambiental nas classes baixas produz deficiências no desenvolvimento psicológico infantil que seriam a causa de suas dificuldades de aprendizagem e de adaptação escolar (PATTO, 1999, p. 124).

De acordo com Patto (1996) a teoria da privação cultural surgiu na década de 60, do século passado, nos Estados Unidos da América; diversas pesquisas desenvolvidas, dentre elas, a realizada por Ausubel (1982), concluíram que as crianças desfavorecidas estavam inadequadamente preparadas para ter um bom desempenho escolar, e que, para superar tal problema, seria necessário incluí-las em programas pré-primários de enriquecimento.

Patto (1996) afirma que um dos principais suportes dessa teoria é a crença de que as crianças pobres não possuem preparação adequada para um bom desempenho escolar. Neste caso, o que ocorre é que, normalmente, os educadores utilizam um padrão de medida do comportamento e do desenvolvimento das crianças em geral, entretanto, as crianças pobres, consideradas carentes por não corresponderem satisfatoriamente a esse padrão de medida, são inferiorizadas e consideradas incapazes. Atribui-se tal resultado à privação cultural a que estão submetidas, sendo então necessário, para compensar tais carências, inseri-las em um ambiente que estimule e promova a aquisição de conteúdos culturais. A educação pré-escolar, por meio de programas compensatórios, apresenta-se como alternativa para sanar as deficiências encontradas.

Kramer (2006), ao discordar dos argumentos utilizados em defesa de concepções relativas à privação cultural, afirma que estes associam o fracasso das crianças pobres às suas desvantagens sócio-culturais. Segundo a autora,

[...] tais desvantagens são [consideradas] perturbações, ora de ordem intelectual ou linguística, ora, de ordem afetiva: em ambos os casos, as crianças apresentam “insuficiências” que é necessário compensar através de métodos pedagógicos adequados, se quer diminuir a diferença entre essas crianças “desfavoráveis” e as demais, na área do desempenho escolar. A ideia básica é a de através da intervenção precoce, reduzir ou eliminar as desvantagens educacionais (KRAMER, 2006, p. 32, acréscimos nossos).

Patto (1996), a esse respeito, afirma que a teoria da carência cultural é uma tentativa de explicação para os problemas das desigualdades sociais de escolarização. O discurso educacional pautado nessas idéias destaca como causa principal para o fracasso escolar o próprio aluno, sendo atribuída à escola uma responsabilidade mínima por não se adequar aos alunos pobres.

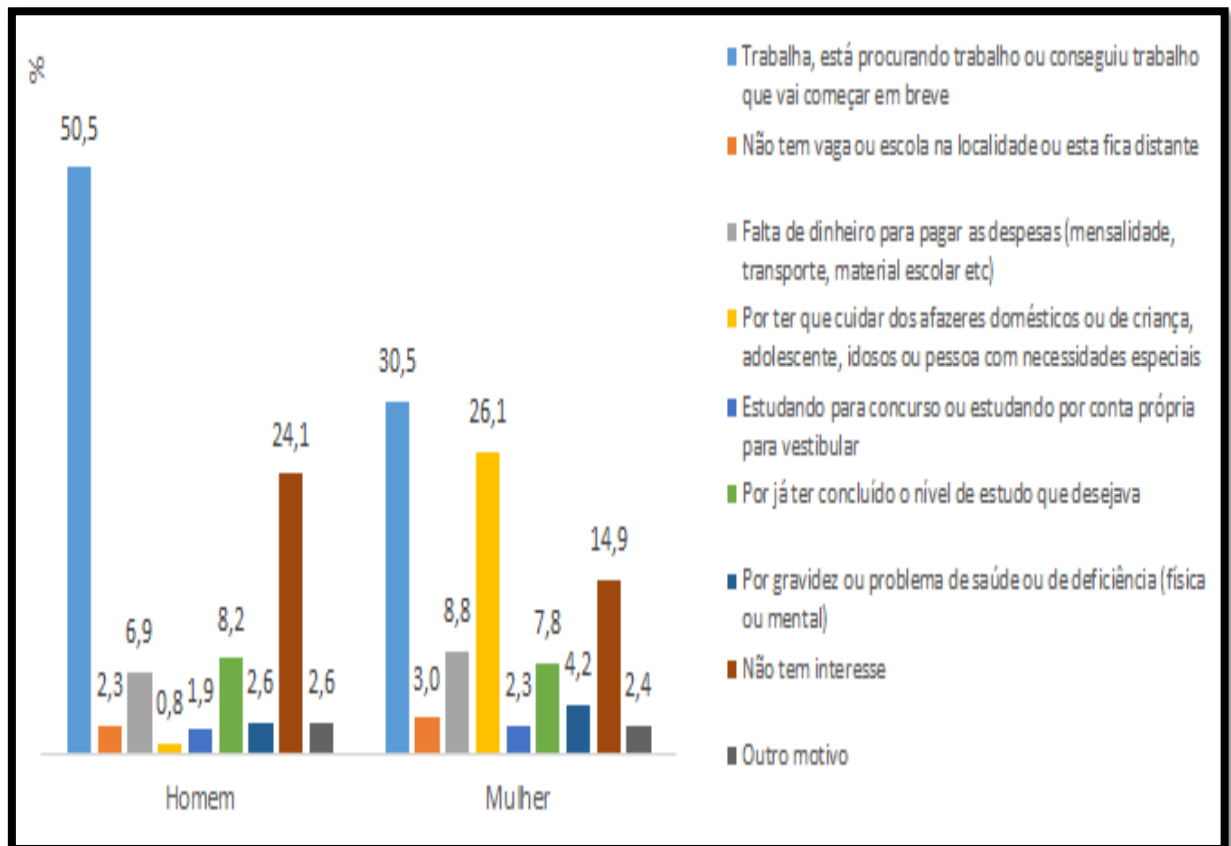
Nessa concepção, o pressuposto básico é a crença de que as crianças pobres com inúmeras deficiências de cunho cultural necessitam ser compensadas pela escola, para que, posteriormente, possam evitar o seu fracasso na escola e também para que tenham condições de desempenhar o seu papel na sociedade situando como prioridade o trabalho.

De fato, as dificuldades econômicas que muitas famílias enfrentam podem efetivamente afetar o desempenho das crianças nas escolas, sem entretanto determinar o fracasso escolar destas. Essas dificuldades se arrastam até a adolescência e em consequência disso, temos estatísticas que revelam números importantes de repetência e evasão escolar. Os motivos giram em torno de complementação no orçamento financeiro de suas famílias, isto é, muitas vezes o adolescente abandona os estudos para trabalhar, gravidez na adolescência, falta de recursos para a compra de material didático e transporte, entre outros.

As desvantagens sócio-culturais identificadas pela teoria da privação cultural como causadoras do fracasso escolar das crianças pobres, de acordo com tal visão, decorrem de um ambiente carente de estímulos que possam representar motivação para que a criança desenvolva a linguagem, a autonomia, e a curiosidade, entre outras características. A privação cultural pressupõe que o desenvolvimento da criança está subordinado à sua condição sócio-econômica.

Essa perspectiva de educação, centrada na compensação de carências que a criança possa ter, não discute e revela os reais motivos do fracasso escolar, pois concebe apenas a condição sócio-econômica da criança em particular, e não discute a estrutura sócio-econômica e organizacional da sociedade de que esta criança faz parte, nem as condições de escolarização da escola propriamente dita.

Gráfico 1: Percentual de estudante que não frequentam a escola



Fonte: Agência IBGE notícias. Disponível em: www.agenciadenoticias.ibge.gov.br

Resultados apresentados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostram que em 2016, o país tinha 24,8 milhões de adolescentes e jovens de 14 a 29 anos de idade que não frequentavam a escola, nem cursos de pré-vestibular, técnico de nível médio ou alguma qualificação profissional. As razões mais frequentes foram: frequentavam por motivo de trabalho, seja porque trabalhavam, estavam procurando trabalho ou conseguiram trabalho que iria começar em breve (41,0%); não tinham interesse (19,7%); e por ter que cuidar dos afazeres domésticos ou de criança, adolescente, idosos ou pessoa com necessidades especiais (12,8%). Além disso, 8,0% declararam já ter concluído o nível de estudo que desejavam e 7,8% disseram que faltava dinheiro para pagar as despesas. Em relação à dificuldade de acesso, 2,6% não frequentavam a escola porque não havia vagas ou escolas na região, ou porque a escola estava muito distante.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por sua vez vem se posicionando com firmeza e presença cada vez maior em relação ao fracasso escolar. Segundo Moreira (2010, p. 16), a UNESCO

Tem proposto ano a ano uma maior mobilização dos países no combate ao problema, pois, de acordo com ela, mesmo que o número de pessoas que têm acesso à educação aumente sem cessar, ainda há no mundo 75 milhões de crianças fora da escola e quase 774 milhões de jovens e adultos analfabetos.

Essa afirmação da autora indica que esses números continuam sendo considerados inadmissíveis, que o país, apesar dos esforços, necessita avançar na melhoria da qualidade de ensino e na redução da desigualdade social. Nesse sentido, percebo também a importância e o valor que tem quando um professor se propõe a mudar a dinâmica esmagadora em que se encontra, quando esse busca chegar mais perto do universo de seus alunos a fim de compreendê-los e poder orientá-los na construção do conhecimento.

Apesar desses resultados citados pela autora, que por sua vez, são relevantes para reunir argumentos que expliquem o fracasso escolar nas escolas brasileiras, alguns autores como Patto (1999), Soares (1986), entre outros, fazem, cada qual sob olhares diferentes, algumas análises que confirmam diversos fatores relevantes desse problema.

Patto (1999), por exemplo, demonstra em suas pesquisas que se inicia a partir das raízes das concepções existentes sobre o fracasso escolar, passando pelo modo capitalista de pensar a escolaridade, consideram as questões burocráticas que dificultam as relações estabelecidas no processo de ensino e aprendizagem, levando a autora à conclusão de que o fracasso é produzido pela própria escola.

A duração do período escolar e suas consequências sobre a qualidade do ensino também é objeto de consideração: É evidente que esta redução acarreta para o cumprimento dos processos pedagógicos e fins educacionais da escola primária um considerável prejuízo (...) A não ser um mau ensino da leitura e da escrita, o resto é mais ou menos 'simples passar de leve' por noções que as crianças não assimilam porque não lhes apreendem a função prática ou teórica, chegando-se, assim, a uma escola que não é nem educativa, nem instrutiva, nem intelectualista (PATTO, 1999, p. 140).

Diante disso, podemos dizer que a escola pública tem falhado em sua tarefa

de alfabetização das crianças, sobretudo, das camadas populares, as quais são excluídas por um mecanismo de rejeição que assume uma via de mão dupla, visto que, a escola não aceita a criança como ela é, e a criança não aceita a escola ou como ela funciona.

Nesse cenário de marginalização, alunos sofrem com a autoestima que fica cada vez mais baixa, fazendo com que o próprio estudante se sinta culpado pelo seu fracasso no processo de ensino e aprendizagem. Sobre a autoestima Branden (1995, p. 12) afirma que

Quando crianças, nossa autoconfiança e nosso auto-respeito podem ser alimentados ou destruídos pelos adultos, conforme tenhamos sido respeitados, amados, valorizados e encorajados a confiar em nós mesmos.

Crianças que tem autoestima baixa, geralmente não se dispõem a fazer perguntas, têm dificuldades de participar de atividades em grupos e alguns se tornam agressivas, quanto a esse tipo de comportamento, penso que pode ser um meio que estas utilizam para que outras crianças mantenham distância, fazendo com que não percebam sua dificuldade.

Durante nossas pesquisas a respeito do fracasso escolar e suas representações por meio de pais, alunos e professores, Sirino e Cunha (2002, p. 99) constataram que os pais possuem uma visão negativa em relação ao desempenho dos alunos da escola pública, pois na concepção deles a escola, por ser pública é muito pobre e o ensino é fraco. “A escola pública é sentida como pobre na sua existência para os pobres”. Nesse sentido, as pesquisadoras puderam perceber que os pais carregam em si um sentimento de inferioridade por seus filhos não corresponderem às expectativas da escola, e, se sentem ao mesmo tempo, responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem que seus filhos enfrentam.

Diante das leituras realizadas nesse trabalho, percebemos que as mães entrevistadas pelas pesquisadoras revelam a importância da afetividade entre o professor e aluno, pois acreditam que essa relação (de ensino e afetividade) contribui para o sucesso escolar. Entretanto, o que se cultiva na escola, de acordo com elas, é o medo e a insegurança.

A afetividade no campo da educação nos remete ao pensamento de Henri Wallon que dedicou grande parte de seus estudos sobre a afetividade assumindo

uma abordagem social do desenvolvimento humano. Sobre os escritos de Wallon o filósofo Gratiot-Alfandéry (2010, p. 37) “destaca que a afetividade é central na construção do conhecimento e da pessoa”.

Nesse sentido, descreve a partir de abordagens adotadas por Wallon,

O ser humano é organicamente social. Isso porque está nessa força da emotividade humana e em seu caráter contagioso e epidêmico as condições para que seja mediada pela cultura, interpretada pelo adulto e promotora, a partir de então, do desenvolvimento cognitivo da criança. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.37).

De fato, as influências afetivas existentes nas interações entre professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno exerce um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem e na formação pessoal das crianças, podemos dizer até que é determinante no desenvolvimento intelectual do indivíduo. A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento das relações sociais, e, nesse sentido, a interação entre as crianças e o professor deve ser valorizada para a construção de saberes.

Quanto aos professores, reforçam as dificuldades que enfrentam ao tentarem controlar a disciplina e despertar o interesse, manifestando um sentimento de impotência diante dos problemas enfrentados na escola acarretando um desgaste físico e emocional.

Em meio a tudo isso, cremos que as maiores vítimas desse processo que desencadeia o fracasso escolar são os alunos e a escola, que por sua vez, se vê impotente para a resolução de problemas, e, ainda responsabiliza a criança pelo insucesso.

Esse cenário está bem representado em uma poesia de Fernando Pessoa:

A ESCOLA COMO NUTRIZ OCULTA DO FRACASSO ESCOLAR

“Onde pus a esperança, as rosas
Murcharam logo.
Na casa, onde fui habitar,
O jardim, que eu amei por ser
Ali o melhor lugar,
E por quem essa casa amei

Deserto achei,
E quando o tive, sem razão p'ra o ter.
Onde pus a afeição, secou
A fonte logo
Da floresta, que fui buscar
Por essa fonte ali tecer
Seu canto de rezar
Quando na sombra penetrei,
Só o lugar achei
Da fonte seca, inútil de se ter.”

(PESSOA, 1985, p. 21).

Essa poesia que foi inspirada por Fernando Pessoa, faz com que pensemos com mais clareza acerca dos anseios dos pré escolares. Não é difícil encontrarmos uma criança que não deseje entrar na escola, cheia de sonhos e fantasias, no entanto, o que muitas vezes acontece é que esses sonhos e fantasias caem por terra logo nos primeiros anos. A escola dos sonhos se torna lugar indesejado, tomando assim aversão, os dias que se passam são de luta para enfrentar a angústia da repressão, do autoritarismo e o sofrimento de ter que se enquadrar aos moldes da escola.

Crianças que enfrentam dificuldades de aprendizagem geralmente têm a escola como um ambiente que oprime e discrimina. Enquanto isso, as notas e as provas funcionam como um mecanismo de segurança dos professores sobre os alunos, como se fosse isso que garantisse um ensino de qualidade, em consequência dessa problemática a aprendizagem que deveria ser significativa para o aluno, não acontece.

Muitos definem a sala de aula como um espaço privilegiado a qual se constrói conhecimentos, porém Cortella (2006, p. 27) ressalta que o conhecimento não pode ser reduzido somente à modalidade científica, pois “outras modalidades (como o conhecimento estético, religioso, afetivo, etc) também o são”. Isso demonstra a importância da construção do conhecimento por meio de experiências em espaços extraescolares, experiências essas que infelizmente são pouco exploradas, mas que poderia ser mais utilizada nas estratégias de ensino e aprendizagem. Para isso, cremos que seria necessária uma boa compreensão acerca das funções, do funcionamento e do potencial, dos espaços não formais para a educação formal.

A relação com o espaço onde transcorre o processo educacional é comumente empregada na diferenciação dos conceitos de educação formal, não formal e informal. Entretanto, outros determinantes também são utilizados, tais como a questão do meio onde o processo educativo ocorre, a relação entre os sujeitos envolvidos no processo, a existência de intencionalidade didática, a utilização de metodologias e técnicas específicas para a execução de procedimentos didáticos e avaliação de aprendizado, a sistematização e organização submetida a diretrizes institucionais, entre outros (OLIVEIRA, GASTAL, 2000, p.2).

Como vemos, a educação nesses espaços denominados não formais pode ser definida de acordo com a proposta de aprendizagem de conteúdos, ou seja, de um ensino formal, no entanto, em espaços diferentes como museus, teatros, parques, entre outros, em que as atividades desenvolvidas são direcionadas e bem definidas. Portanto, podemos considerar que esses espaços podem contribuir de maneira significativa, no que diz respeito à diminuição de algumas das carências que a escola enfrenta como a falta de laboratórios, recursos audiovisuais, entre outros, conhecidos por incentivar o aprendizado. E se tratando de dificuldades de aprendizagem, fracasso escolar é importante, estar atento na análise desses espaços, sobre tudo, dos conteúdos neles presentes para um efetivo aproveitamento.

Pensando nesse contexto, de uma educação que valoriza o aprendizado a partir de experiências, aprendizado esse que se encontra mesmo fora dos limites de uma sala de aula, devemos nos atentar para as ações que esse professor direciona seu trabalho, ou seja, metas e objetivos a serem alcançados, no entanto, levando sempre em conta, os diferentes níveis de capacidades e habilidades de seus alunos, pois cada um possui uma característica e nível de desenvolvimento. O trabalho de levar os alunos a observar diferentes ambientes, além de contribuir com o desenvolvimento do pensar, de relacionar causa e efeito, desenvolver a autonomia em uma tomada de decisão, possibilita o estudante a vivenciar em uma relação com seus colegas o companheirismo, a compreensão e o respeito. O que torna a teoria mais próxima da realidade, quebrando assim, a distância entre conhecimento construído e a vida.

Desse modo, podemos dizer que as atividades realizadas fora da sala de aula complementam o trabalho do professor e os o conhecimento construído durante todo o processo se torna significativo para os estudantes, pois desperta a curiosidade, a

interação social e com o ambiente, propiciando um aprendizado a partir de experiências vividas por eles. Contudo, é importante lembrar que todos os momentos que fizeram parte do processo do ensino e aprendizagem passem por uma avaliação, sejam aqueles que foram desenvolvidos em sala ou fora dela.

Entendemos também que o professor, ao avaliar a aprendizagem de seus alunos deve levar em conta as especificidades de cada um, valorizando suas atitudes, participação durante a realização das atividades e o desenvolvimento de responsabilidade durante todo o processo. Além disso, acreditamos ser um fator importante o professor ter conhecimento do grau de assimilação do conteúdo e dos comportamentos esperados, bem como a avaliação ser parte integrante do processo de aprendizagem, como trabalho contínuo e sistematizado e não só uma referência final da aprendizagem.

Assim, quando um professor busca investigar os alunos que estão com dificuldade de aprender e em que área ou disciplina encontram mais dificuldade, este, efetivamente está realizando avaliações.

Todo esse processo, esse trabalho em prol da superação do fracasso escolar nos remete a um valor que deve estar alinhado a profissão de professor: compromisso. De acordo com Freire (2007. p. 22),

Se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa.

Com base nas leituras do livro de Paulo Freire, “ Pedagogia da Autonomia” (2007) pensamos naquele professor preparado para conduzir a ação educativa; pensamos no educando como sujeito integrante no processo de ensino e aprendizagem; pensamos também na escola como espaço de interação e diálogos.

É de acordo com essas inferências que queremos refletir a escola como um espaço que oferece às pessoas uma educação que o prepara para a vida, que não se cansa em enfrentar as dificuldades administrativas, que trabalha incansavelmente em prol de superar o analfabetismo e os fracassos escolares presentes cada vez mais nos bancos das salas de aula, uma educação capaz de ouvir esses atores, participando dessa realidade, discutindo-a, e colocando como objetivo a possibilidade de mudança.

Compreendendo a importância do papel do professor como mediador entre o aluno e o conhecimento, podemos dizer que a aprendizagem, quando acontece, é o resultado dessa relação contida no ato de ensinar, bem como, do comprometimento com o aprender. Portanto, a busca contínua e vital da escola como espaço de diálogo, do questionamento, de reflexões, nos faz perceber que educação não se faz em um dia, em um ano, nem mesmo em um ciclo, mas ao longo de uma vida.

Desse modo, pensamos a escola como um espaço de encontro, de alunos, de professores, de outros envolvidos e responsáveis. Consideramos que a responsabilidade é de todos trabalhar o conteúdo, para que os conhecimentos construídos durante todo o processo de ensino se efetive além da “educação bancária” que tanto Paulo Freire (1992) criticou.

Superar desafios como o fracasso escolar não é tarefa fácil, mas acreditamos que a união e o compromisso de todos os envolvidos, como a escola e a família, são pilares fundamentais para se alcançar resultados significativos na educação desses meninos e meninas.

3 ALFABETIZAÇÃO, INTERAÇÃO E AVALIAÇÃO

Nessa seção trataremos da interlocução entre alfabetização um processo que trabalha a codificação e decodificação, uma fase que a criança passa na aprendizagem de códigos escrito.

A interação é uma ferramenta fundamental no processo de ensino e aprendizagem, sendo a ligação entre professor e aluno.

A avaliação trás um certo receio pelo nome, porém através da avaliação o educador consegue obter informações em qual área do seu processo de ensino e aprendizagem a criança se encontra com dificuldade conseguindo trabalhar nesta área alcançando resultados positivos.

3.1 O fracasso escolar presente no processo de alfabetização

Sabemos que a alfabetização é uma etapa muito importante da formação escolar de uma pessoa, no entanto, tendo insucesso muitas vezes o aluno desiste, enfrenta a marginalização por parte dos professores e colegas na sala de aula, e, ao longo de sua vida escolar aumenta as chances da evasão.

A escola, por sua vez, não reconhece o valor merecido e a importância que a alfabetização exerce na formação de seus educandos, ensinando “mecanicamente” a decodificação do código linguístico, sem desenvolver nos alunos, as estruturas fundamentais para o desenvolvimento efetivo da leitura e a escrita.

A Alfabetização refere-se ao processo específico de apropriação do código escrito, ou seja, processo de decodificação de codificação. É um movimento ativo por meio do qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, constrói e reconstrói hipótese sobre a natureza e funcionamento da língua escrita, haja vista que o aprendizado do sistema de escrita é compreendido como forma de representação. Portanto, refere-se à orientação sistemática do aluno para se apropriar do sistema de escrita, a partir de uma orientação em que os conhecimentos precisam ser abordados de forma sistemática na escola. (SOARES, 2013).

Segundo Soares (2013, p. 13) “há cerca de quarenta anos que não mais de 50% (*frequentemente, menos que 50%*) das crianças brasileiras conseguem romper

a barreira da 1ª série, ou seja, conseguem aprender a ler e escrever.” Na década de 1980 a situação não mostrava sinais de melhoria e atualmente, mesmo com os avanços revelados ao longo do tempo na educação, estatísticas indicam que a alfabetização necessita ser repensada e replanejada.

O tímido avanço na pontuação apresentado nas últimas pesquisas feitas pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) pode até representar um estímulo para a educação brasileira, no entanto, não passa de uma questão matemática, visto que a realidade em sala de aula continua revelando atraso na aprendizagem dos alunos em todos os anos do Ensino Fundamental.

Sob esse olhar Soares (2013) ainda ressalta que,

Pode-se dizer que, neste início do século XXI, o problema permanece; a diferença é apenas que, hoje, os alunos não rompem a barreira do 1º ciclo, que substitui a 1ª série como etapa da alfabetização, ou no caso de sistemas que optaram pela progressão continuada, passa ao ciclo seguinte ainda não alfabetizado (SOARES, 2013, p. 14).

Pensando nesse cenário indagamos: Será que o fracasso está mesmo no aluno? São muitos os estudos e pesquisas acerca dos problemas enfrentados nessa etapa da escolarização. No entanto, notamos que diversas áreas de conhecimento, como a Psicologia, Linguística e a Pedagogia trata a questão com uma visão unilateral, ignorando outros fatores que podem influenciar tal fracasso.

É evidente que as pesquisas realizadas por diferentes áreas do conhecimento podem de maneira significativa contribuir para explicar o fracasso escolar. Entretanto, Soares (2013, p. 14) vem advertindo que

Essa multiplicidade de perspectivas e essa pluralidade de enfoques não trarão colaboração realmente efetiva enquanto não se articularem em uma teoria coerente da alfabetização que concilie resultados apenas incompatíveis, que articule análises provenientes de diferentes áreas de conhecimento, que integre estruturadamente estudos sobre cada um dos componentes do processo.

Portanto, mostra a necessidade de um olhar mais minucioso e detalhado para os diferentes fatores que podem levar o aluno ter dificuldades para a leitura e a escrita. Assim, consideramos relevante pensar a possibilidade de uma revisão

dessas análises e estudos, de modo que se possa ter uma visão ampla dos percalços enfrentados na fase da alfabetização.

Para compreendermos melhor aspectos que envolvem a alfabetização e seus enfrentamentos diante o fracasso escolar, partimos de uma reflexão de algumas das teses que, tem como base conceitual a teoria construtivista de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979).

Em meados de 1980, os resultados obtidos de pesquisas acerca da psicogênese da língua escrita, desenvolvida pela autora e colaboradores, sob a denominação construtivismo, foram considerados referencial teórico.

Atualmente, as ideias das pesquisadoras ainda estão muito presentes nos discursos sobre a alfabetização, seja em documentos institucionais, artigos científicos, anais de congressos, bem como textos sugeridos no meio acadêmico. Seu trabalho revela um importante compromisso político e social, contribuindo na busca de soluções para o problema do analfabetismo caracterizado no fracasso escolar.

Essa busca por soluções, tendo como objetivo a modificação da realidade associada ao fracasso na alfabetização, levou Ferreiro e Teberoski a propor, por meio dos resultados de suas pesquisas contidos no livro *Psicogênese da língua escrita*, uma nova maneira de se pensar a alfabetização, visto que, para as pesquisadoras, o fracasso na alfabetização tem ligação com à prática que vinha sendo proposta pela escola até então.

Ferreiro e Teberoski (1986, p. 11) afirmaram que

[...] a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...].

Nesse sentido, podemos observar a importância que se tem em levar em conta o conhecimento prévio da criança, ou seja, o que ela já sabe acerca dos códigos e símbolos que representam à escrita. Valorizar os conhecimentos prévios

dos alunos é um dos objetivos pedagógicos presentes nos documentos oficiais voltados para a educação no Brasil. Está descrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Língua Portuguesa que

Essa responsabilidade é tanto maior quanto menor for o grau de letramento das comunidades em que vivem os alunos. Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (BRASIL, 1997, p. 21).

Nesse sentido, podemos compreender que a alfabetização exerce um papel fundamental no desenvolvimento escolar da criança, pois proporciona um crescimento intelectual e conseqüentemente autonomia para ser, pensar e agir na sociedade. Esse processo não deve ser baseado em memorização, pois, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento a partir dos conceitos contidos nas atividades propostas. Entendemos que a criança precisa compreender não somente o que a escrita representa, mas de que forma ela representa graficamente a linguagem que ela utiliza.

No entanto, o que os professores pensam a respeito do fracasso escolar? Porque ele acontece e como superá-lo? São inquietações como essas que motivam diversas pesquisas e discussões no intuito de chegar a um consenso de possíveis intervenções. Entendemos que, para o enfrentamento desse desafio na educação, que é a superação do fracasso escolar, seja necessário a utilização de ferramentas pedagógicas específicas.

Sabemos que preparar indivíduos para a vida não requer apenas transmitir conteúdos, educar é muito mais que isso, é mediar, interagir, é, portanto, construir,

A educação jamais é uma dádiva, uma doação de uma pessoa que sabe àqueles que não sabem, mas algo que se apresenta como um desafio para educador e educando, um desafio que é a própria realidade composta de situações-problema, de inquietações, de angústias e de aspirações do grupo. Isto constitui a matéria-prima do processo educacional (OLIVEIRA, 2006, p. 31).

Assim, educar é ensinar a viver, é possibilitar o aluno a se constituir como sujeito, ao longo de sua vida escolar construir uma identidade. O papel da escola e

em especial a do professor é auxiliar seus alunos nessa construção, bem como no desenvolvimento de habilidades, de modo a torná-los responsáveis, produtivos e éticos.

Pensando nesse contexto, de superar dificuldades e, conseqüentemente o fracasso escolar, elegemos algumas possibilidades que possivelmente seria de grande contribuição. Foram recursos pensados a partir das teorias apreendidas na graduação e reflexões obtidas a partir das experiências vivenciadas durante o estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental. São eles:

Observação e compreensão: a princípio, consideramos fundamental o professor conhecer a turma que ele trabalhará durante o ano para que possa realizar um plano de trabalho. Nesse plano irá conter as ações e os meios para executá-las;

Interação: proporcionar momentos de interação com a turma, nessas interações é possível trabalhar questões de afetividade, respeito, solidariedade, espaço em que as crianças criam e testam suas hipóteses. Para efetivar essa interação, acreditamos que seja necessário pensar o ambiente que favoreça;

Contextualização: buscar juntamente com os alunos a relação entre os temas discutidos durante a aula com o cotidiano dos alunos;

Avaliação: momento em que o professor precisa verificar o caminho que o aluno está percorrendo. Por meio da avaliação, terá condições de descobrir as reais dificuldades, podendo dessa maneira, decidir por uma nova tomada de ações.

Agora o que não podemos esquecer é que, mesmo tendo a pró-atividade da instituição e dos professores em buscar meios para a superação das dificuldades de aprendizagem de seus alunos, é imprescindível e necessário o envolvimento da família nesse processo.

Sabe-se que processo educativo inicia-se na vida da criança primeiramente no meio familiar, portanto consideramos o papel dos pais fator relevante para o sucesso na trajetória escolar dos filhos. A criança se sente mais segura, o fator afetividade é expresso durante as tarefas realizadas em casa, enfim, o apoio, a conversa e a participação efetiva geralmente encaminham para bons resultados.

Entendemos que a escola e a família são instituições que têm um papel importantíssimo quando pensamos na questão do cuidado e educação de crianças e jovens. Portanto, focalizar neste contexto a questão dos pais na mediação da aprendizagem de seus filhos é buscar trabalhá-los para este fim, isto é, fazendo-os

com que os pais percebam a importância da família junto à escola, perceber que a sua contribuição promoverá de maneira positiva no desenvolvimento do seu filho.

A educação familiar é fator que influencia na formação da personalidade do indivíduo, daí a importância de refletir o quanto a educação e os costumes transmitidos pela família, induzem a conduta e o comportamento apresentado pela criança em qualquer local.

Deste modo é conveniente que se faça as atribuições referentes à família para que a mesma não tente transferir a sua responsabilidade para a escola. Nesse sentido, entendemos que escola e a família devem andar juntas, no propósito de assegurar o bom desempenho escolar das crianças, bem como superar possíveis dificuldades.

Assim, por não considerar todos esses aspectos, como a participação dos pais, as observações iniciais da turma, interação e avaliação, é que muito provavelmente a escola tem fracassado na sua função, seja a de inserir o aluno no mundo da leitura e da escrita, garantido dessa forma, o seu direito de acesso aos conhecimentos construídos, seja o preparo para o futuro exercício da cidadania.

3.2 A importância da interação no processo educativo

Pensar a educação do ponto de vista da interação presente e necessária para a construção de conhecimentos, de identidade e autonomia, nos remete pensar ideias vygotskianas. Segundo Ivic (2010, p. 15) Vygotsky defendia o princípio de que todo “o ser humano se caracteriza por uma sociabilidade primária”. Nesse sentido, podemos encontrar nos estudos de Vygotsky elementos que auxiliem na hipótese de que o conhecimento construído tem uma origem social.

A relação professor-aluno é uma questão que tem levado alguns pesquisadores a pensar como fator preponderante acerca do fracasso escolar. Pois nas práticas educativas, o que se observa é que, por não se dar a devida atenção ao problema em questão, muitas ações desenvolvidas no ambiente escolar fracassam. Nesse contexto, consideramos importante uma reflexão aprofundada sobre esse assunto, levando em conta todos os aspectos que caracterizam a escola como um espaço privilegiado para tais ações de interação.

Moreira (2010, p.43) afirma que, a partir dos estudos de Vygotsky possivelmente podemos configurar um perfil de educador enquanto mediador entre o aluno e o conhecimento. Pois “nessa abordagem, o professor é aquele que motiva o aluno e sustenta seus avanços, visando à sua autonomia; alguém que traduz os conteúdos escolares em situações problematizadoras, valorizando erros e acertos do aprendiz”.

Assim, o papel da escola é promover um ensino de qualidade que possa proporcionar o desenvolvimento do educando, sobretudo os que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Por meio de aprendizagens cada vez mais reestruturantes dos seus esquemas mentais, o aluno chegará a uma significativa bagagem cultural e, para isso, a escola e os professores devem cuidar para que o aluno, de fato, aprenda e dê voos maiores rumo aos conhecimentos socialmente relevantes (MOREIRA, 2010, p. 44).

Desse modo, fica evidente que para isso é preciso compreender a interação como elemento motivador no processo de ensino e aprendizagem, esse é um aspecto que não pode ser ignorado pelo educador, uma vez que, quando considerado pode contribuir decisivamente para uma nova concepção e ressignificação das ações a serem tomadas na prática escolar. Libâneo (1990, p. 47) ressalta que

A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre provendo as condições e os meios (conhecimentos, métodos, organização do ensino) que assegurem o encontro do aluno com as matérias de estudo.

Assim, podemos compreender que a tarefa de ensinar requer uma relação constante do professor com o educando, não só na construção de conhecimentos, mas proporcionando situações em que a criança possa desenvolver cada vez mais a habilidade de fazer perguntas.

Para isso é necessário valorizar a curiosidade, a imaginação e a autonomia da criança. Desse modo, compreendemos que a mediação é uma tarefa complexa que vai exigir do professor a criatividade, atenção e a preocupação com o desempenho de cada aluno.

Podemos observar, nesse sentido, que todos os papéis (organizador, mediador, controlador e incentivador) contribuem para a efetivação do principal objetivo na prática escolar que é educar. Educar é um ato de que tem por finalidade transformar e, antes de ir à busca dessa transformação em seus alunos, é preciso que o professor modifique a sua maneira de agir e de pensar.

Pensando no fator interação no cotidiano escolar, como essa mediação entre o professor e seus alunos poderia acontecer? Refletindo a partir das experiências que tivemos nos estágios, presenciamos algumas das práticas que foram desenvolvidas por algumas professoras no Ensino Fundamental. Práticas essas, que surtiram um efeito muito positivo com a turma e aqueles que apresentavam mais dificuldades na aprendizagem, foram capazes de realizarem com êxito.

Dentre as ações, os educandos tiveram a oportunidade de participarem de roda de conversa, onde a professora tinha a finalidade de verificar o que o aluno já sabia sobre o assunto a ser discutido, foi levado também cantigas motivadoras sobre o tema, histórias que estimularam os alunos a pensarem e questionarem sobre o conteúdo, leitura de jornais e revistas, com o objetivo de refletir sobre fatos abordados nas reportagens; confecção de cartazes, na maioria das vezes fazendo com que a turma trabalhasse em grupo favorecendo o aprendizado entre os pares; jogos e discussão sobre reportagens apresentadas por meio de vídeos. Desse modo, tanto a realidade do professor quanto a do aluno podem ser muito exploradas, pois elas são ricas de sentidos, de significados e de vida.

São práticas como essas que consideramos fundamental na superação do fracasso escolar, pois o aluno se torna protagonista na construção do conhecimento, e nesse contexto, o professor cumpre um papel importantíssimo no processo por meio da mediação, contudo, não podemos esquecer os modos que a avaliação acontece diante da diversidade que encontramos numa sala de aula. Diversidade essa que impulsiona o professor refletir de que maneira usar a avaliação de modo mais adequado para as diferentes situações de aprendizagem.

3.3 Como avaliar diante o fracasso escolar

Geralmente, a avaliação escolar é definida como um meio de obter informações sobre o desenvolvimento e as dificuldades de cada estudante, constituindo-se em uma ferramenta importante e de suporte no processo de ensino e

aprendizagem, bem como, de orientação para o professor traçar algumas ações, a fim de conseguir ajudar a criança a prosseguir com sucesso em seu processo de escolarização.

Sabe-se que os instrumentos mais utilizados no momento da avaliação são as provas escritas ou orais, seminários, tarefas, pesquisas e trabalhos em grupos. Desse modo, o processo de avaliação, seja ela nos diversos graus de ensino, as notas e os conceitos são decisivos para a progressão dos estudos.

Atualmente, tem surgido intensos debates no que diz respeito a avaliação escolar, uma vez que ela estaria perdendo o enfoque pedagógico e metodológico e assumindo o papel de uma ferramenta de controle, mas que controle seria esse? Controle do cumprimento de apostilas, controle de notas, ou disciplinar?

As questões referentes à avaliação tem se dividido entre a avaliação externa, que é exigida em nosso sistema educacional e que valoriza mais os aspectos administrativos e a avaliação interna, que se dá no espaço da sala de aula e que tem motivado os docentes buscarem por mudanças em uma perspectiva de melhoria na qualidade das ações pedagógicas.

Segundo Libâneo (1990, p. 195) a avaliação escolar,

É uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnósticos e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar.

Nesse sentido, percebe-se que a avaliação possui um papel relevante na prática pedagógica do professor, pois tem como objetivo central diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno, possibilitando esse professor verificar se a criança, sobretudo àquela que apresenta maiores dificuldades em assimilar os conteúdos, está ou não conseguindo acompanhar as atividades que foram programadas.

Pensando nos objetivos e funções da avaliação escolar e ainda fazendo uma relação com a melhoria das atividades escolares, Libâneo ressalta alguns equívocos frequentes que ocorrem na sala de aula. “O mais comum é tomar a avaliação unicamente como o ato de aplicar provas, atribuir notas e classificar os alunos” (LIBÂNEO, 1990, p. 198). Essa prática, presente até hoje em nossas escolas não

possui um caráter educativo, e sim de um reforço para o tão discutido tema que é o fracasso escolar.

Compreendemos que existem diferentes maneiras de avaliar o desempenho dos alunos, e todas elas têm o mesmo objetivo. O ato de observar a participação dos alunos, solicitar que eles façam redações com um determinado tema, propor atividades objetivas e práticas, um debate, a apresentação de um seminário, são algumas propostas de avaliação escolar. De acordo com especialistas da área da educação, é interessante avaliar de diferentes maneiras, pois, cada turma possui necessidades distintas.

Demo (2009, p. 07) afirma que “toda avaliação é incompleta, incômoda e injusta, além de muito facilmente estigmatizante, insidiosa e mesmo fraudulenta”. No entanto, é considerado um suporte importante ser desenvolvida com o objetivo de zelar pela aprendizagem do estudante.

Sabemos que a prova por si só não fornece dados concretos de que o aluno aprendeu o conteúdo, nesse contexto, muitas vezes o que acontece é que o aluno memoriza o que vai cair no teste, como ocorre nos vestibulares atuais. Demo (2009) ressalta que muitos professores ao ouvir críticas acerca da aplicação de provas chegam a uma conclusão de que seria melhor abandonar não só a prova, mas qualquer tipo de avaliação.

No entanto, o autor descreve que,

A prova pode sim ou mesmo deve ser abandonada, porque como regra, não passa de mistificação cômoda para ambos os lados (professores e alunos), mas não se pode abandonar a avaliação, porque estaríamos deixando o processo de aprendizagem correr solto, sob o risco constante de não só não saber o que está ocorrendo com os alunos, mas principalmente de não cuidar da aprendizagem efetivamente (DEMO, 2009, p. 07).

Há diversas maneiras de avaliar a aprendizagem dos alunos, sem que essa avaliação esteja amarrada a um só tipo de procedimento. Consideramos que para isso seja necessário que o professor esteja atento às necessidades de sua turma, aos diferentes níveis de aprendizagem que seus alunos apresentam e, nesse contexto, seria fundamental que, se levasse em conta, as múltiplas possibilidades de avaliar seus educandos.

Entendemos que cuidar da aprendizagem das crianças implica em resgatar de maneira conscienciosa e profissional a oportunidade de aprender de maneira significativa, ou seja, que haja sentido para a criança em tudo o que o cerca. É cuidar para que não caia no erro de assumir uma postura, pedagogicamente falando, do “fingimento” (WERNECK, 1993, p.14),

A teoria do fingimento é assim. O professor pode estar em sala, no entanto, não se sabe se há algum ensino. Enquanto espera-se o tempo passar tudo pode acontecer. Na maioria das vezes nem provas ocorrem, há apenas uma nota de participação dentro do processo de autoavaliação, onde cada aluno dá para si mesmo aquilo que julgar justo.

Uma postura totalmente distorcida do profissionalismo e do compromisso com a educação de crianças e jovens, revelando desse modo, mais um fator que se encaminha para o fracasso escolar de estudantes. “Nada se ensinou, nada se corrigiu, ninguém progrediu, instalou-se uma tapeação em cadeia com prejuízos para todos os interessados” (WERNECK, 1993, p. 15).

Não podemos nos esquecer de que se almejamos uma educação para a liberdade, o preparo do sujeito para a vida de maneira crítica, consciente de suas responsabilidades perante a sociedade e o meio em que vive, é preciso que essa escola entenda claramente a sua parcela de responsabilidade como meio importante de socialização e melhoria da convivência humana.

Segundo Demo (2009, p. 13) “a vida não é uma máquina mecânica, reprodutiva, mas construção e permanente reconstrução biológica e histórica, dotada de sujeito inalienável”. Nesse sentido, podemos perceber que a aprendizagem é dinâmica, isto é, está em constante construção e reconstrução do conhecimento, a criança não pode simplesmente ser submetida a escutar, copiar e a reproduzir na prova somente o que se memorizou, pois fica evidente que essa prática não encaminha a criança para uma construção significativa de conhecimentos, mas, somente a reprodução do que é ditado sistematicamente.

Para Demo (2009) de fato, podemos observar claramente que muitos professores estão de mal ou até mesmo apáticos com a avaliação, em parte porque o desempenho escolar continua insatisfatório a cada ano que passa, mas também em parte porque o sistema educacional sofre com uma “indigestão teórica”. “Inventaram-se inúmeras nomenclaturas, uma mais inventiva que a outra, mas que

de pouco ou nada adiantaram, pois de pouco adianta apenas mudar o nome. É preciso mudar a substância” (DEMO, 2009, p.25).

No dia a dia, muitas vezes podemos perceber que a prática escolar continua a mesma, as aulas são reduzidas ao cumprimento de apostilas, dos livros didáticos e em seguida os estudantes são submetidos a aplicação de provas sobre conteúdos memorizados anteriormente. A avaliação nesse processo torna-se um procedimento mecânico, e analisando mais afundo, perguntamos se realmente algo estaria valendo a pena avaliar, por tamanha banalidade que tem se tornado as aulas e as provas.

Demo (2009, p.26) ressalta que se,

Quisermos averiguar até que ponto os alunos progredem no saber pensar, não basta só repensar a avaliação. É ainda mais fundamental repensar a escola. É de certa forma fútil caprichar em procedimentos avaliativos, quando temos à nossa frente somente didáticas instrucionistas. É triste, trágico mesmo, que sequer a memorização de conteúdos seja satisfatória. Mas seria muito pouco fica só com isso.

A urgência que se tem atualmente na educação é fazer com que os alunos consigam avançar na aprendizagem, a escola, por sua vez não pode simplesmente lavar as mãos promovendo alunos progressivamente. Cuidar do estudante implica em cuidar que ele aprenda, e não apenas passe de um ano para outro.

Para isso é preciso que o professor possa realmente estar preocupado com todo o processo de ensino e a aprendizagem de seus alunos, de modo que não aceite somente decidir em aprová-lo ou reprová-lo. Porque ao contrário disso, o que possivelmente pode restar é um comodismo geral, tanto dos professores como dos alunos, pois se acompanha cada vez menos, cada um faz o que bem entende, ninguém controla nada, e todos chegam, de um modo muito descuidado, ao final do ano.

Como vemos a realidade de nossas escolas é menos “cor-de-rosa”, Perrenoud (2000, p.66), afirma que “na realidade, desejo de saber e decisão de aprender parecem, por muito tempo, fatores fora do alcance da ação pedagógica: se estivessem presentes, pareceria possível ensinar”.

O fato é que não basta somente dar aula. É preciso que o professor verifique todos os dias se seus alunos estão aprendendo, não somente porque faz parte do

seu trabalho como professor, mas porque os dados que todos os anos são disponibilizados na mídia gritam que a aprendizagem é mínima.

Acreditamos que esse posicionamento reflete o cuidado com a aprendizagem dos alunos, sobretudo os que apresentam maiores dificuldades ou níveis diferenciados de aprendizagem e, nesse processo a avaliação cumpre seu papel essencial na prática escolar.

4 A FORMAÇÃO DOCENTE DIANTE DOS DESAFIOS DO FRACASSO ESCOLAR

São muitas as inquietações e discussões a respeito da formação docente no Brasil, não é pra menos, pois a cada ano que passa as estatísticas revelam dados cada vez mais desanimadores o que demonstra o decaimento da qualidade no ensino básico brasileiro.

De fato, a crescente desvalorização da profissão docente pesa bastante, o que evidencia se tratar de um reflexo histórico e crônico em nossa sociedade. A categoria dessa profissão tem sido marcada por fortes mudanças, o que nos instiga pensar de que maneira as políticas públicas voltadas para a Educação, inclusive em nível superior, têm trabalhado para superar esse quadro.

Saviani (2009, p.143), ao examinar as questões pedagógicas vinculadas às transformações ocorridas ao longo dos últimos dois séculos, descreveu os períodos que marcaram a história de formação de professores no Brasil:

1. Ensaio intermitentes de formação de professores (1827-1890). Esse período se iniciou com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que obrigava os professores a se instruírem no método do ensino mútuo, às próprias expensas; estendeu-se até 1890, quando prevaleceu o modelo das Escolas Normais.
2. Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932), cujo marco inicial foi a reforma paulista da Escola Normal, tendo como anexo a escola-modelo.
3. Organização dos Institutos de Educação (1932-1939), cujos marcos foram as reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal, em 1932, e de Fernando de Azevedo em São Paulo, em 1933.
4. Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971).
5. Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996).
6. Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006).

De fato, podemos perceber que a preocupação com a formação docente no Brasil fica mais clara no período de 1827, quando foi promulgada a Lei das Escolas das Primeiras Letras. No artigo 4º dessa Lei, foi estabelecido que as escolas devessem adotar o método de ensino mútuo, em consequência disso, foi determinada para a formação dos professores a adoção desse mesmo modelo, às próprias custas, nas capitais das Províncias. Observa-se aí que a formação de

professores nesse período, não contava com investimento algum do governo, o que é compreensível para a época, pois se tratava de uma sociedade em que a educação ainda era privilégio de poucos e voltada especialmente a uma pequena parcela da elite.

Em 1834 foi promulgado o Ato Adicional, nesse período então foi que a instrução primária ficou sob a responsabilidade das províncias. Assim, foi determinado que as escolas tivessem que adotar, para a formação dos professores, o modelo dos países europeus, na criação das Escolas Normais.

Rio de Janeiro foi pioneira na instituição da primeira Escola Normal na cidade de Niterói em 1835. Em seguida outras províncias ampliaram a rede

Esse caminho foi seguido pela maioria das províncias ainda no século XIX, na seguinte ordem: Bahia, 1836; Mato Grosso, 1842; São Paulo, 1846; Piauí, 1864; Rio Grande do Sul, 1869; Paraná e Sergipe, 1870; Espírito Santo e Rio Grande do Norte, 1873; Paraíba, 1879; Rio de Janeiro (DF) e Santa Catarina, 1880; Goiás, 1884; Ceará 1885; Maranhão em 1890 (SAVIANI, 2009, p. 144).

Tendo em vista a preparação de professores para atuarem nas escolas primárias, a princípio as Escolas Normais tinha como finalidade uma formação específica para essa fase inicial de escolarização. Uma formação centrada no desenvolvimento de práticas pedagógicas, numa didática de como ensinar, porém, o currículo foi sendo constituído por conteúdos que os professores iriam ensinar nas escolas primárias, contrariando as expectativas iniciais.

Pensando na situação da época, a necessidade de incluir as crianças de segmentos sociais nas redes de ensino e, que até poucas décadas atrás não eram atendidas pela educação básica, o desafio maior para atender a essa demanda foi a ampliação de redes para a formação de professores. Em consequência disso, “a formação destes não logrou, pelos estudos e avaliações disponíveis, prover o ensino com profissionais com qualificação adequada” (GATTI, 2013, p. 35).

Segundo Gatti (2013,2014) na questão da formação docente no ensino superior no Brasil, não se teve um empreendimento eficaz a nível nacional de forma que revesse a estrutura dessa formação nas classes de licenciaturas. Esse panorama deixa evidente que o descaso e a desvalorização para a formação de professores também é antiga, o que tem demonstrado um acúmulo de impasses e dilemas.

Com esse acúmulo de problemas que historicamente vem se arrastando ao longo do tempo, a consequência é a má qualidade no ensino básico. A começar por problemas na alfabetização de crianças, como apontam as avaliações nacionais e regionais do país, e com esses resultados o governo federal evidencia uma preocupação lançando políticas como a “alfabetização na idade certa”.

Observa-se daí que não se tem coerência entre a política de formação de professores e as necessidades reais da educação escolar quanto a sua qualidade, especialmente em seus níveis iniciais. De fato, podemos dizer que há uma distância considerável entre os projetos pedagógicos preconizados para o ensino superior e a estrutura curricular oferecida na realidade.

Foi possível perceber infelizmente, que de fato há uma insuficiência formativa evidente nos cursos de licenciaturas. Além disso, não poderíamos esquecer-nos das condições em que os estágios desses graduandos são realizados.

A quantidade de horas de estágio obrigatório tem como objetivo garantir aos futuros professores um contato mais profundo com o espaço escolar, para isso é necessário que esse contato seja feito de forma planejada, orientada e acompanhada de um professor-supervisor de estágio. Tudo isso não tem nada de mágico, pois exige um trabalho considerável de construção de concepções, de organização e acompanhamento para a devida avaliação. É o momento de desenvolvimento de habilidades, de descobertas de aptidões, de enfrentamento com a realidade, de superação das dificuldades e dúvidas.

Desse modo, o espaço escolar se torna lugar privilegiado para a aprendizagem não só dos alunos que ali estudam, mas também para aqueles que ali estão vivenciando ricas experiências das práticas docentes.

Ainda assim é preciso repensar todo o processo de ensino na formação de professores, segundo relatos de Bernadete Gatti

Apesar disso, as observações largamente difundidas sobre o funcionamento das licenciaturas e estudos específicos publicados nos autorizam a sugerir que a maior parte dos estágios envolve atividades de observação, os estudantes procuram por conta própria as escolas, sem plano de trabalho e sem articulação entre instituição de ensino superior e escolas, e sua supervisão acaba tendo um caráter mais genérico, ou apenas burocrático, muitas vezes, em função do número de licenciandos a serem supervisionados por um só docente da instituição de ensino superior. Esses estágios acabam não se constituindo em práticas efetivas e fonte de reflexão sobre ações pedagógicas para os estagiários. Sobre a orientação e a

validação deles, não se encontra, na grande maioria dos casos, referência clara. (GATTI, 2013-2014, p. 41).

No entanto, o professor encontra uma realidade muito mais complexa da qual foi estudada na graduação, pois além de administrar os conteúdos disciplinares, ao assumir a sala de aula, a ele são conferidas diversas ações como: preparar a aula, elaborar plano de ensino, fazer as mediações necessárias, corrigir atividades, elaborar projetos, avaliar o desempenho de cada aluno, lidar com as dificuldades de aprendizagens, violência, inclusão, entre outros.

Assim, consideramos que o desenvolvimento das habilidades desse profissional tem sido desafio permanente e, além disso, o professor necessita ter domínio dos conteúdos escolares, habilidades para trabalhar com as diversidades presentes no cotidiano e cuidar para a evolução da aprendizagem do aluno e competências seja efetivada.

Infelizmente, o que temos observado com mais frequência é que a vontade de lecionar tem sido deixada de lado diante das dificuldades da vida profissional, essa desmotivação é acarretada quando se observa que a própria sociedade, depois do governo, desvaloriza a profissão.

Torna-se ainda mais preocupante quando pensamos que tal desvalorização pode provocar um impacto direto e negativo no desempenho escolar dos estudantes. Seria ingenuidade acreditar que o problema pode estar centrado somente no aluno, ou seja, o aluno que não aprende é porque possui dificuldades ou transtornos de aprendizagem, é porque vem de uma família desestruturada, é porque é pobre, e por aí vai se chegando a algumas justificativas para não pensar em um aspecto mais amplo e que pode ter relação com a formação docente.

Atualmente, na educação básica e especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, temos a presença de alguns pedagogos atuando na sala de aula, no entanto, a presença maior é de professores especialistas das áreas da Matemática, Português, Ciências, Geografia e História. Ação contrária ao que prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN (1996).

Esse quadro causa-nos certa inquietação e nos indagamos. Como pode um Pedagogo ser especialista de tantos conteúdos se no curso de Licenciatura em Pedagogia os alunos são levados a compreenderem muito mais as teorias do conhecimento, teorias acerca da Psicologia da Educação, da aprendizagem, teorias

filosóficas sobre a educação, enfim, uma série de conteúdos que se encaminham para a compreensão do processo de ensino e aprendizagem dos alunos?

Em contrapartida, os professores especialistas de outras áreas compreendem e dominam um contexto puramente de sua área, mas mesmo assim são obrigados a lecionar conteúdos de outras disciplinas e não possuem conhecimento aprofundado sobre os aspectos metodológicos para lidarem com crianças que se encontram na fase inicial de escolarização.

Então perguntamos: como professores especialistas de suas respectivas áreas de conhecimento têm transitado no universo da Pedagogia? E os pedagogos, tem dado conta a conhecer e lecionar tantos conteúdos disciplinares?

De acordo com a LDB 9394/96 é regulamentado em seu texto que a Educação Básica fica a cargo do licenciado, simples assim. O que demonstra que além de dar providências quanto à formação, não impede de modo algum a atuação de professores especialistas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mesmo que nos pareça inevitável o pensamento remoto que esses professores são formados para atuarem na segunda fase do Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio.

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim. IV - profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36 (BRASIL, 1996).

Pensar sobre a práxis, dos pedagogos em especial, nos remete à sua formação, pois esse processo nos auxilia a compreender mais a fundo algumas concepções que correspondem o trabalho de ensinar e aprender ao mesmo tempo.

Por outro lado, em que pese todos os aspectos que envolvem professor e alunos, é necessário considerar que para um educador estar bem posicionado pedagogicamente, isto é, atendendo as necessidades e as demandas de uma sala

de aula adequadamente, é preciso que esse tenha uma base sólida em sua formação.

Tardif (2010) faz alguns questionamentos sobre quais os saberes necessários que o professor deve ter como base para o seu trabalho em sala de aula, isto é, o seu papel e a relevância desses saberes em relação a atividade educativa.

Quais são os conhecimentos e as habilidades que os professores mobilizam diariamente, nas salas de aula e nas escolas, a fim de realizar concretamente as suas diversas tarefas? Qual é a natureza desses saberes? Trata-se, por exemplo, de conhecimentos científicos, de saberes “eruditos” e codificados como aqueles que encontramos nas disciplinas universitárias e nos currículos escolares? Trata-se de conhecimentos técnicos, de saberes da ação, de habilidades de natureza artesanal adquiridas através de uma longa experiência de trabalho? (TARDIF, 2010, p. 9).

São questões importantes e que tem sido levantadas por pesquisadores com objetivo de compreender a prática docente. Tardif (2010) trata dessas questões de uma maneira muito relacional, ou seja, ele não distancia a questão do saber dos professores de outras dimensões como do ensino, do trabalho, do cotidiano dos profissionais. Para ele o saber é constituído por meio das múltiplas relações sociais, pelas organizações, “por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente” (p. 11).

Desse modo, podemos observar que o professor, ao longo de sua graduação e vida profissional desenvolve sua competência, diferentes saberes e habilidades. Por meio das teorias e ações, o professor constitui uma identidade através de suas experiências, das relações obtidas no cotidiano escolar, com os alunos e outros pares.

O próprio conceito de competência, segundo Perrenoud (2000), requer muitas e longas discussões. Para o autor a noção de competência é “uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação” (PERRENOUD, 2000, p. 15).

São aspectos fundamentais a serem refletidos, uma vez, que esse saber construído dos docentes, as experiências e as habilidades desenvolvidas ao longo de sua vida profissional têm impacto direto também no desenvolvimento de metodologias aplicadas na sala de aula.

Moreira (2010, p. 20) ressalta que “trabalhos recentes de pesquisadores americanos têm forçado a instituição escolar e seus profissionais a uma revisão geral de sua atuação e sinalizado para uma maior atenção ao desempenho do educador”.

4.1 Os desafios diários da profissão docente

Fica evidente que o desempenho escolar dos alunos dependerá do desempenho do professor. A formação crítica e reflexiva dos alunos dependerá, pelo menos em boa parte, da clareza que o educador possui em seus propósitos.

Ter clareza da função social da escola, conhecer os fundamentos teóricos da aprendizagem a ponto de se situar em relação aos diferentes modelos epistemológicos de maneira autônoma e não de maneira ingênua e ou dogmática, saber condicionar livros e ou apostilas ao seu trabalho e não ao contrário, pois é muito complicado (para não dizer triste e ou lamentável) ver o professor cada vez mais escravo desses materiais. Se ele se escraviza por estes, acaba se alienando e, conseqüentemente, alienando os alunos (MOREIRA, 2010, p. 25).

Para isso é necessário que o professor tenha entendimento e compreensão sobre suas intenções e objetivos, considerando que o ensino e a aprendizagem são processos que caminham juntos, isto é, um só acontece porque existe o outro.

Sem esse preparo e clareza, o futuro dos alunos estará fadado ao fracasso escolar, contribuindo para a perpetuação dessa escola que aí está: uma escola que não dá conta de superar as injustiças sociais, a intolerância, e o descrédito por parte da sociedade.

De fato o cotidiano escolar tem evidenciado algumas lacunas existentes na formação dos professores, lacunas essas que deveriam ser superadas durante a graduação ou mesmo na formação continuada. Quando falamos em formação docente temos em mente que esse profissional estará lidando diretamente no enfrentamento de como superar dificuldades de aprendizagem de seus alunos, enfrentar múltiplas diversidades dentro de uma sala de aula, tudo isso requer um preparo para que esse professor venha desempenhar práticas que consagre uma educação de qualidade.

Sabemos que não existe receita pronta no trabalho pedagógico. Cada professor tem seu modo próprio de trabalho, no entanto, consideramos fundamental que esse leve em conta para a sua prática, a criatividade na elaboração de projetos de ensino, que valorize a pesquisa como fonte principal para construção do conhecimento, desenvolvimento de habilidades como o “questionamento reconstrutivo” (DEMO, 2015).

Por questionamento, compreende-se a referência à formação do sujeito competente, no sentido de ser capaz de, tomando consciência crítica, formular e executar projeto próprio de vida no contexto histórico. Por reconstrução, compreende-se a instrumentação mais competente da cidadania, que é o conhecimento inovador e sempre renovado. (DEMO, 2015, p.13).

Atualmente, com todo aparato tecnológico ao alcance de nossas crianças, é necessário e urgente que professores e toda comunidade escolar repense as prática pedagógica de modo que as aulas se tornem mais instigantes para os alunos. As crianças, por natureza são curiosas, no entanto, a escola ignora essa curiosidade e por muitas vezes repreende, impossibilitando este entusiasmo infantil e priorizando excessivamente a disciplina, a ordem e a obediência.

É insensato pensar a educação de forma reducionista, pois a qualidade na educação não se reduz a passividade, a homogeneidade ou alcance mínimo das habilidades intelectuais. É chegada a hora que devemos ter consciência de que lecionar é uma responsabilidade grande que o professor tem em suas mãos, pois cada aluno é um projeto de vida e que muitos alunos tem na escola, talvez, a única possibilidade de tornar-se cidadão e um ser humano melhor.

Por muito tempo a imagem do professor geralmente era assimilada à imagem de um mestre autoritário e senhor da verdade. No entanto, essa imagem não tem sido perpetuada nas escolas, pois muitas têm trabalhado para quebrar com esse paradigma da escola tradicional.

Muitas instituições vêm tomando consciência de que o espaço educativo é aquele que privilegia o ambiente positivo, um lugar coletivo de trabalho, de interação, de construção de sujeitos, de culturas e identidades. E é por isso que não cabe mais pensar a escola como um lugar de instrução e treinamento, pois,

Não é educativo reforçar a imagem autoritária do professor, indicada pelo púlpito de onde leciona, pelo auditório cativo obrigado a escutá-lo pelo poder discricionário que pode reprovar a quem queira, pela diferença ostensiva entre alguém que só ensina e outros que só aprendem, e assim por diante. Esta ambiência conduz a efeitos domesticadores, que, em vez de um parceiro de trabalho, prefere um aprendiz dependente. (DEMO, 2015, p. 20).

Para que esse avanço aconteça, podemos acrescentar que dentro da prática pedagógica é preciso que professores desenvolvam uma cultura que valorizem a pesquisa, a interação, o trabalho em equipe, que possibilite o aluno tornar-se parceiro de trabalho e não apenas expectador. Tais práticas implica uma empreitada desafiadora, pois significa tirar o professor do centro das atenções e privilegiar o aluno, o que atenderia de fato o que as teorias modernas orientam. De acordo com os objetivos de desenvolvimento de competências gerais afirmados na Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 9),

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

A escola não constrói a partir do zero, por sua vez o aluno chega à escola sabendo de muitas coisas, trazendo da sua cultura regional e familiar diversos saberes, nesse sentido, é fundamental que os professores saibam reconhecer esse potencial e possibilitem que o aluno seja ativo em seu processo de construção de aprendizagem. Para isso é interessante que a escola tenha como compromisso promover um ambiente em que os estudantes possam movimentar-se, comunicar-se, busquem maneiras diferentes de participar sem esquecer que haverá momentos que será necessário também o silêncio, a disciplina, a concentração e a atenção nas atividades propostas.

Toda essa dinâmica contribui de maneira significativa na vida dos estudantes, mas na vida dos profissionais da educação também. Para tanto, é fundamental levar em conta e tomar como ponto de partida para a elaboração de novos caminhos rumo à aprendizagem, o conhecimento prévio do aluno, ou seja, a partir do diagnóstico inicial, pensar no que fazer para melhorar seu conhecimento, considerando também os conflitos que o aluno enfrenta enquanto aprende.

Dentro desse processo, é importante o professor ter um olhar atento aos erros que possivelmente o aluno possa cometer e pensar o erro como possibilidade de um questionamento reconstrutivo e não como algo negativo a ser evitado, faz parte do desenvolvimento de competências e habilidades.

Para Demo (2015, p. 35) o questionamento reconstrutivo começa “com o saber procurar e questionar (pesquisa)”. Pode-se observar que quando o aluno percebe seu erro durante alguma atividade, ele busca diferentes maneiras de superar esse erro, dessa forma, cabe ao professor motivá-lo a buscar dados, encontrar fontes, cultivando sempre o espírito crítico. Pois desse modo, a criança ou o adolescente, aprenderá a não aceitar tudo como verdade absoluta, mas estar sempre atento às informações recebidas e questioná-los, querendo sempre saber mais e melhor. Desse modo, podemos dizer que o professor estará desenvolvendo no aluno uma habilidade imprescindível que é o espírito de pesquisador.

Desenvolver o hábito da leitura, esta prática precisa ser impulsionada pela escola de maneira persistente, pois hoje, podemos dizer que é um grande desafio concorrer com os meios modernos de comunicação e informática, que muitas vezes induzem a criança e o jovem a um comportamento passivo. Muitos problemas enfrentados na questão da leitura e da escrita é que na escola não temos biblioteca e outros apoios dessa ordem, e professores, por sua vez que também não leem.

Fazer dos recursos eletrônicos e os meios midiáticos, aliados no desenvolvimento de metodologias que favoreçam o questionamento e a pesquisa, criando assim mecanismos que possibilitam a integração das tecnologias de informação e comunicação a favor da aprendizagem.

Sendo assim é fundamental o educador obter um propósito ao percorrer este caminho da educação, pois o educador é um instrumento em sala de aula que pode trabalhar a alfabetização detectando se a criança obtém algum grau de dificuldade e indo em busca de trabalhar o fracasso escola trazendo para sala de aula toda bagagem que o mesmo aprendeu em sua especialização como professor.

E com os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação o educador terá força e saberá trabalhar em sala de aula da maneira adequada a qual lhe foi ensinado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscamos apresentar os múltiplos olhares acerca do fracasso escolar, resgatando o conceito e, destacando, por meio da pesquisa bibliográfica, possíveis fatores que o influenciam. Diante dos fatos encontrados em nossa pesquisa, foi possível observar que a escola, a família e o professor não podem ser responsabilizados separadamente pelo não aprender dos alunos, uma vez que fica evidente a diversidade de fatores que influenciam direta ou indiretamente no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Percebemos também o quanto é fundamental o estudo acerca do fracasso escolar para que possamos refletir sobre o processo de escolarização das crianças, das práticas utilizadas nas salas de aula, a importância das interações e nos relacionamentos entre professores e alunos, a participação familiar e a formação dos professores que atuam nessa fase.

Acredita-se que em parte, o baixo desempenho dos alunos se deve à formação do professor, fato esse que possibilitou a discussão sobre a necessidade de formação de professores em nível superior e fez com que essa discussão ganhasse muita força no cenário nacional.

Compreendemos que não cabe aqui apontar culpados, mas analisar tal objeto de estudo de maneira acrítica. Pois entendemos que toda a sociedade possui sua parcela de responsabilidade pela aprendizagem e desenvolvimento de suas novas gerações, e, para isso, é necessário que estruturas educacionais sejam preparadas para trabalhar com inovação, autonomia e desenvolvimento integral.

É dispensável dizer que o apoio da família na vida escolar do aluno é fundamental, pois todos sabem que esse quesito realmente faz diferença no desempenho das crianças, sobretudo as que apresentam maiores dificuldades. Assim, consideramos essencial a participação plena da família, o que pode garantir apoio necessário em todos os sentidos.

O planejamento de estratégias a serem utilizadas em situações de aprendizagem deve fazer parte da organização do trabalho do professor. Pois acreditamos que a partir de um balanço das aquisições e um prognóstico de como meus alunos estão aprendendo, é que encontramos meios, recursos metodológicos para melhorar o desempenho de escolares. Recursos que envolvem motivações lúdicas podem funcionar de maneira efetiva com as crianças, especialmente às que

se encontram em níveis iniciais de ensino, então seria importante a escola investir em organizações de feiras e oficinas de Ciências, de Matemática, de Língua Portuguesa, enfim, gincanas, jogos, brincadeiras, competições, tomados todos como recursos instigadores, os quais podem contribuir para que os alunos desenvolvam capacidades criativas e potencialidades que o lúdico naturalmente proporciona.

Os problemas e os dilemas não são poucos, contudo, acreditamos que o trabalho do professor vem se transformando de forma positiva mesmo que lentamente. Por meio do trabalho em equipe, da formação continuada, de projetos, o professor tem desenvolvido certa autonomia e responsabilidade demonstrada através de práticas diferenciadas e até inovadoras mesmo, o que contribui de maneira significativa as situações de aprendizagem e a luta contra o fracasso escolar.

O que se aprende diante de tantas abordagens? Podemos dizer que essa profissão possibilita o indivíduo a percorrer muitos caminhos, como seguindo um guia de viagem, caminhos esses que propiciam os professores a desenvolverem diferentes saberes a partir da sua formação, mas também de suas experiências. É o que Perrenoud (2000) descreve como o “desenvolvimento de competências”.

De fato, consideramos que a boa formação inicial e continuada do professor, práticas reflexivas, o trabalho em equipe, a utilização adequada das novas tecnologias são cuidados essenciais que colaboram para o enfrentamento dos deveres cotidianos e dilemas inclusive éticos da profissão.

Nessa oportunidade, temos expectativas de que esse trabalho possa servir como um estímulo à reflexão, discussão e inspirar soluções inovadoras e satisfatórias para a importante questão do fracasso escolar que os professores se deparam cotidianamente. Pois consideramos que o principal objetivo da escola e, sobretudo da educação é a formação de seres críticos, reflexivos e conscientes.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Constituição Federal (1988). **Da educação, da cultura e do desporto.** Seção I, art. 205. Brasília, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 04 abr. 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Primeiro e segundo ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, IBGE. **Pesquisa nacional de amostra de domicílios**, 2016 – Estatísticas Sociais. IBGE, 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/educacao/17270-pnad-continua.html?edicao=18264&t=o-que-e>>. Acesso em 30 dez. 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação.** Brasília, 2015. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Plano+Nacional+de+Educa%C3%A7%C3%A3o+PNE+2014-2024++Linha+de+Base/c2dd0faa-7227-40ee-a520-12c6fc77700f?version=1.1>>. Acesso em 05 mai. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular.** Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

CATANI, Afrânio Mendes; OLIVEIRA, João Ferreira; DOURADO, Luiz Fernandes. **Política educacional, mudanças no mundo do trabalho e reforma curricular dos cursos de graduação.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 22, n. 75, ago, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n75ao6.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento:** fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 2006.

COUTO, Ana Cristina Ribeiro. **Ensino Fundamental:** caminhos para uma formação integral. Curitiba: Ibpex, 2010.

DEMO, Pedro. **Ser professor:** é cuidar que o aluno aprenda. 6. ed. Porto Alegre: Meditação, 2009.

_____. **Educar pela pesquisa.** 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2015. Coleção Educação Contemporânea.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura).

_____. **Escola primária para o Brasil.** In: Revista brasileira de estudos pedagógicos, São Paulo, v. XXXV, n. 82, p. 15 – 33, abr. – jun. 1961.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1990.

GATTI, Bernadete. **A formação inicial de professores.** In: Revista USP, n. 100, p. 33-46. São Paulo, dez.; jan.; fev. 2013-2014. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76164/79909>>. Acesso em 17 ago. 2018.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLES REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** os processos de construção da informação. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira, 2005.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène; JUNQUEIRA, Patrícia (Trad.). **Henri wallon.** Recife: Massangana, 2010.

IVIC, Ivan; COELHO, Edgar Pereira (org.); ROMÃO, José Eustáquio (Trad.). **Lev Semionovich Vygotsky.** Recife: Massangana, 2010.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil:** a arte do disfarce. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MOREIRA, Ivanilde. **Fracasso escolar e interação professor-aluno.** 3. ed. Rio de Janeiro: Walk, 2010.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Filosofia da Educação:** reflexões e debates. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

OLIVEIRA, Roni Ivan Rocha de; GASTAL, Maria Luiza de Araújo. **Educação formal fora da sala de aula:** olhares sobre o ensino de ciências utilizando espaços não formais. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: VII Enpec, 2009.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar:** Histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PERRENOUD, PHILIPPE. **Dez novas competências para ensinar:** convite à viagem. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PESSOA, Fernando. **Poesias:** seleção e introdução de Cleonice berardinelli. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores:** aspectos históricos do problema no contexto brasileiro. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2009. Vol.14, n. 40, pp. 143-155. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782009000100012&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 16 jun. 2018

SIRINO, Marisa de Fátima; CUNHA, Beatriz Belluzzo Brando. **Repensando o fracasso escolar: reflexões a partir do discurso da criança-aluno.** 2002. 249 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2002. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/97644>>. Acesso em 30 dez. 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

VEIGA. Ilma Passos Alencastro. **A aventura de formar professores.** Campinas, SP: Papiriu, 2009.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo.** Petrópolis: Vozes, 1993.